Lição 8: Nem tudo é gerado. Elementos e sua existência

595. Após investigar se a geração e o movimento estão presentes nos corpos naturais, e supondo, a partir da discussão anterior, que estão, o Filósofo aqui começa a investigar como isso ocorre. A respeito disso, ele faz duas coisas: Primeiro, retoma, para refutá-lo, algo que havia refutado incompletamente anteriormente;

Segundo, prossegue com sua proposição, a partir de 599. Sobre o primeiro, ele faz três coisas: Primeiro, declara o que foi provado acima; Segundo, completa a prova, a partir de 596;

Terceiro, exclui uma objeção, a partir de 597. 596. Ele diz, portanto, primeiro [449] que é evidente, a partir do que foi dito acima, que não há geração de todas as coisas, como afirmavam aqueles que postulavam que todas as coisas são compostas de superfícies, nem ausência total de geração, como supunham Parmênides e Melisso. Então, em [450], ele completa a refutação daqueles que postulavam que há geração de todas as coisas. Pois ele havia refutado isso anteriormente, mostrando que os corpos não são compostos de superfícies. Mas alguém poderia dizer que há geração de todos os corpos de muitas outras maneiras. Consequentemente, o Filósofo apresenta esta prova mais universal. E diz que podemos obter confirmação do fato de que não há geração de todas as coisas a partir disto, a saber, porque é impossível que haja geração de todo corpo, a menos que se postule um vácuo separado dos corpos — o que ele diz porque certos filósofos, como Demócrito e Leucipo, postulavam um vácuo inerente aos corpos. Ora, por vácuo separado entende-se um lugar que não é preenchido por nenhum corpo, mas que pode ser preenchido, como foi tratado na Física IV. A razão pela qual um vácuo separado decorre se todo corpo é gerado é que, no lugar em que um corpo recém-gerado existe, se esse lugar existia antes daquele corpo, teria que haver ali um vácuo, porque nenhum corpo existia ali. Mas nenhum corpo teria existido ali anteriormente, se todo corpo é gerado. Portanto, a suposição de que todo corpo é gerado exige a existência de um vácuo separado. 597. Então, em [451], ele exclui uma objeção, pois alguém poderia dizer que vemos cada corpo sendo gerado, mesmo que nenhum vácuo exista. Mas a isso ele responde que, quando um determinado corpo particular vem a ser, ele é gerado a partir de algum outro corpo, por exemplo, o fogo a partir do ar — e assim, antes da geração do fogo, o ar estava no mesmo lugar, e portanto não é vácuo. Mas se todo corpo deve ser gerado, não podemos postular outro corpo que preenchesse anteriormente o lugar, porque não há outro corpo fora de todo corpo. Portanto, o corpo teria que ser feito a partir de não-corpo. Mas é impossível que um corpo seja feito inteiramente a partir de nenhuma magnitude corpórea preexistente. Pois se produziria um corpo em ato, sobretudo a partir daquilo que é corpo em potência. E se aquilo que é corpo em potência o é de tal maneira que seja atualmente outro corpo, nada de impossível se segue, pois é assim que explicamos o fogo vindo a ser a partir da matéria que é potencialmente fogo, mas atualmente ar. Mas se fosse corpo em potência de tal maneira que não fosse em ato algum outro corpo, como seriam forçados a supor aqueles que postulam que todo corpo é gerado,

seguir-se-ia que, antes da geração de todo corpo, haveria um vácuo separado. 598. Deve-se notar que Aristóteles pretende provar aqui que não há geração de todo corpo, no sentido de que a totalidade universal dos corpos seja gerada simultaneamente. Mas não é sua intenção provar que algum corpo particular não é gerado a partir de não-corpo. Pois então surgiria contra a prova de Aristóteles a objeção mencionada por Simplício em seu comentário, a saber, que um vácuo não seria necessário, nem por causa da rarefação e condensação, nem porque, quando este corpo é gerado, outro é corrompido. Donde, também, isso não seria, como ele pensava, uma prova suficiente de que não há geração das coisas em comum, mas de particulares (pois não há geração do homem absolutamente, mas deste homem), pois a totalidade universal do corpo é como um corpo completo existente em uma única espécie, como foi dito anteriormente. Mas nada impede que um indivíduo sozinho em sua espécie seja gerado e corrompido, como dizem da Fênix. Portanto, não seria excluída por isso a geração de todo corpo, que o Filósofo pretende rejeitar. Tampouco a prova do Filósofo é contra a doutrina de nossa fé, que ensina que a soma total dos corpos começou a existir em algum tempo, porque não postulamos um lugar preexistente, como o Filósofo aqui supõe; nem postulamos que os corpos foram gerados a partir do que está em potência, mas através da criação. 599. Então, em [452], ele explica como há geração e movimento dos corpos. E sobre isso ele faz duas coisas: Primeiro, declara sua intenção e a ordem a ser seguida;

Segundo, executa seu plano, a partir de 600. Ele diz, portanto, primeiro [452] que, uma vez que não é verdade que todos os corpos podem ser gerados, nem que nenhum pode, como foi dito, resta-nos a tarefa de mostrar quais corpos estão envolvidos na geração, e "por causa do que isso é", isto é, qual é a causa da geração. Esta consideração começa neste livro, mas é concluída no livro Sobre a Geração. Mas porque todo conhecimento se dá através de certas coisas primeiras, a partir das quais procedem definições e demonstrações, e é evidente que os elementos de quaisquer coisas são primeiros entre o que está presente nas coisas (embora certos princípios extrínsecos possam ser anteriores, e.g., o agente e o fim), a consequência é que, se quisermos entender a geração dos corpos, devemos primeiro saber quais são os elementos dos corpos que podem ser gerados e destruídos, e por que são elementos, e quantos elementos existem, e quantos tipos de corpos existem. Ora, para elucidar tudo isso, é necessário tomar como suposição e princípio o que é a natureza de um elemento. E isso é revelado por sua definição. 600. Então, em [453], ele executa seu plano de acordo com a ordem mencionada. Primeiro, mostra qual é a natureza de um elemento, conforme significada por sua definição;

Segundo, quais são os elementos dos corpos e sua condição, a partir de 601. Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, estabelece as partes da definição de elemento;

Segundo, prova esta definição de elemento, a partir de 600. Em relação ao primeiro, ele apresenta três partes da definição de elemento. A primeira delas é que o elemento é, de outros corpos, aquilo no qual outros corpos são divididos ou resolvidos. Nem toda causa pode ser chamada de "elemento", mas apenas aquela que entra na composição da coisa. Portanto, os elementos universais são a matéria e a forma, como é evidente na Física I. Mas estes não são corpos, enquanto o Filósofo está aqui tratando dos elementos que são corpos. A segunda parte é que um elemento existe naquilo de que é elemento, e o faz seja potencialmente seja atualmente. (A questão de como os elementos estão presentes nos produtos dos elementos, i.e., se estão presentes atual ou potencialmente, fica por enquanto em aberto). Pois se a geração e corrupção

dos corpos se dá através de agregação e dispersão, como supunham Empédocles e Anaxágoras, então os elementos estão atualmente no composto. Mas se a geração e corrupção dos corpos são resultados de alteração, é necessário dizer que os elementos estão em potência no composto. A terceira parte é que um elemento não se divide em outras coisas, a saber, coisas diversas em espécie. Pois todo corpo tem que ser divisível: mas alguns corpos são divididos em coisas especificamente diversas, como a mão em carne e ossos, dos quais é compactada por uma certa composição, ou como a carne é resolvida em ar, fogo, água e terra, por uma certa alteração. Mas o fogo e o ar, a água e a terra, não são resolvidos de nenhuma maneira em coisas especificamente diversas. Esta parte completa a noção de elemento; assim como as letras são chamadas de "elementos" de uma palavra, não sendo divididas em coisas especificamente diversas. Então, em [454], ele prova a definição acima mencionada apelando ao modo como as pessoas geralmente falam — pois as palavras devem ser usadas conforme são geralmente aceitas, como é dito nos Tópicos II. E é isso que ele diz, a saber, que todos pretendem significar por "elemento" algo como o que foi descrito, não importa qual seja o campo, por exemplo, no discurso corporal, e nas demonstrações, nas quais os princípios são chamados de "elementos" que não são resolvidos em outros princípios. 601. Então, em [455], ele mostra quais coisas são elementos e quantos existem. A respeito disso, ele faz três coisas:

Primeiro, mostra que é necessário que haja elementos dos corpos; Segundo, investiga se eles são finitos ou infinitos (Cap. IV); Terceiro, se há apenas um elemento (Capítulo V). Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, conclui a partir da definição anterior que é necessário postular certos elementos dos corpos;

Em segundo lugar, ele mostra como esses elementos foram postulados de maneiras diversas por Anaxágoras e Empédocles, em 602.

Ele diz, portanto, primeiro [455] que, se a definição anterior de elemento é válida, é necessário afirmar que existem certos elementos dos corpos, pois há certos corpos nos quais as condições anteriores se verificam. Pois na carne, na madeira e em todos os corpos desse tipo, ou seja, os compostos, o fogo e a terra estão presentes em potência, uma vez que é a partir do fogo, da terra e de elementos semelhantes que, por uma certa alteração, os corpos acima mencionados são compostos. E isso é evidente pela segregação pela qual os corpos mistos [compostos] são resolvidos em tais corpos simples, como é evidente quando um corpo animal é resolvido, que se decompõe em pó, certa umidade e certos vapores — e coisas semelhantes acontecem com outros corpos mistos.

Que tais corpos, nos quais outros corpos são resolvidos, não se resolvem por si mesmos em outros, o que também pertence à definição de elemento, ele mostra quando acrescenta que no fogo não há carne nem madeira, nem em potência nem em ato. Um sinal disso ele toma como fato de que, se a carne e a madeira existissem no fogo, o fogo seria resolvido nelas, e isso nunca é visto acontecer. Pois a carne ou a madeira são geradas a partir do fogo, não por resolução, mas pela adição de outros corpos simples alterados simultaneamente para o composto. Mas porque alguns filósofos postularam um único elemento, como Tales de Mileto com a água, ele acrescenta que, quer se postule um elemento ou muitos, ainda é verdade que em um elemento não existirão outros corpos. Pois, embora outros corpos além do elemento possam ser encontrados, por exemplo, carne, osso ou algo desse tipo, não se deve dizer que qualquer deles está presente, seja em ato ou

em potência, no corpo tomado como elemento.

Uma vez que é verdade que existem certos elementos dos corpos, deve-se considerar qual é o modo de geração pelo qual outros corpos são gerados a partir dos elementos, a saber, por composição, ou os elementos a partir de outros corpos, a saber, por resolução. E ele resolverá isso quanto à verdade no livro *Sobre a Geração*.

602. Em seguida, em [456], ele mostra como Anaxágoras diferiu de Empédocles na questão dos elementos corporais.

Primeiro, ele apresenta as opiniões de cada um;

Em segundo lugar, ele mostra qual opinião deve ser preferida, em 603.

Ele diz, portanto, primeiro [456] que Anaxágoras e Empédocles sustentaram opiniões contrárias sobre os elementos. Pois Empédocles postulou que o fogo e a terra, e outros intermediários, que são elementos com estes, são os corpos elementares dos corpos, a partir dos quais todos os outros corpos são compostos. Mas Anaxágoras diz o contrário, a saber, que outros corpos "homeoméricos", ou seja, de partes semelhantes, por exemplo, carne, osso e similares, são os elementos dos corpos, enquanto o ar, o fogo, a terra e a água, ele disse serem compostos a partir dos anteriores, isto é, a partir da carne, do osso e de todas as outras sementes dos corpos naturais. Pois Anaxágoras postulou que partes infinitas e indivisíveis de corpos semelhantes eram as sementes de todas as coisas que aparecem na natureza, no sentido de que, por sua extração de algum composto, todos os corpos naturais sensíveis são gerados. Portanto, porque todos os outros corpos parecem ser gerados a partir do fogo, da terra e de elementos semelhantes, ele estimou que o fogo, a terra e outras coisas intermediárias resultavam de todas as partes semelhantes indivisíveis reunidas. E, de acordo com isso, ele postulou que as partes consimilares eram os elementos desses quatro corpos, a partir dos quais ele, no entanto, disse que todas as coisas vêm a ser por causa das sementes existentes neles. E como ele não mencionou o fogo, portanto, para que nenhuma dúvida surgisse sobre isso, ele acrescenta que ele [Anaxágoras] chamou o fogo de "éter".

603. Então, em [457], ele mostra que a opinião de Empédocles é preferível. Pois, como é evidente pela discussão no Livro I, todo corpo natural possui algum movimento próprio, e como alguns movimentos são simples e outros mistos, é claro que os movimentos mistos pertencem aos corpos mistos, e os movimentos simples, aos corpos simples. E a partir disso, é evidente que existem certos corpos simples, pois [458] existem certos movimentos simples. E como os movimentos simples, que são a partir do meio e em direção ao meio, pertencem mais aos elementos postulados por Empédocles, é evidente que sua opinião deve ser preferida.

No entanto, isso poderia ser chamado de um segundo argumento em apoio à conclusão principal que ele extrai como resumo, dizendo que é evidente que os elementos existem e para que propósito existem.

Revision #2
Created 29 September 2026 23:43:35 by Admin
Updated 2 October 2026 00:14:09 by Admin